



INSTITUTO VALENTINA E OBRA RELACIONAL: MANIFESTAÇÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS NA POÉTICA DE UMA ARTISTA- PROPOSITORA

VALENTINA INSTITUTE AND RELATIONAL ARTWORK: AESTHETIC-POLITICAL MANIFESTATIONS IN THE POETICS OF AN ARTIST-PROPOSER

Malka Celina Borenstein¹

Doutoranda na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

Esse artigo reflete sobre o papel da artista como proponente de um espaço cultural que aborda as complexas dimensões estético-políticas da construção de uma obra relacional, um instituto - o Instituto Valentina. O texto busca investigar modos de ser estético-políticos para o enfrentamento às desigualdades, a partir de articulações práticas e teóricas estruturadas por regimes de sentido, presença e coletividade, referente às questões de gênero (feminismo). Para tanto, será apresentado um breve relato de si como ferramenta para o desvendar de camadas pessoais e subjetivas de apagamento histórico-cultural de mulheres, um caminho prático-metodológico estruturado no diálogo com a obra e vida da artista Lygia Clark.

PALAVRAS-CHAVE

Poéticas Artísticas. Artista-proponente. Obra Relacional. Feminismo. Estético-político.

ABSTRACT

This article reflects on the role of an artist as a proponent of a cultural space that addresses the complex aesthetic-political dimensions of the construction of a relational work, an institute - the Valentina Institute. The text is an aesthetic-political investigation of ways to confront inequalities, based on practical and theoretical articulations structured by regimes of meaning, presence, and collectivity, referring to gender issues (feminism). To this end, a brief self-report will be presented as a tool for unveiling personal and subjective layers of the historical-cultural erasure of women, a practical-methodological path structured in dialogue with the work and life of the artist Lygia Clark.

KEYWORDS

Artistic poetics. Proposing artist. Relational artwork. Feminism. Esthetic-political.

No cenário de mundo onde existem desigualdades, exclusões, violências e dominação hegemônica se nota uma camada social sexista, que nos direcionou a

¹ Artista e pesquisadora, dedica-se a pintura, performance, instalações e residências artísticas. Atualmente é doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação de Christine Mello, onde desenvolve sua pesquisa como proponente e articuladora de práticas para estruturação de um Instituto. E-mail: malkabor@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5960023055260425>



uma normatização de poder e controle sob aspectos raciais e de gênero. Processos estéticos e poéticos que entram em diálogo com os extremos dos mundos de Christine Mello, que reflete sobre os aspectos que geram violência, guerra e disputa de poder. A partir de tal contexto se consolida o objetivo desse texto que é compartilhar alguns aspectos e processos de criação do Instituto Valentina. Um espaço que está em processo de construção e que tem como propósito agenciamentos coletivos que buscam refletir outros modelos estruturais de mundo, que se alinham com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU de igualdade de gênero (ODS 5) e de reduzir as desigualdades (ODS 10). O Instituto terá como exercício de atuação a aquisição de conhecimento e capacitação artística, que promovam transformações nas condições de vida de mulheres e seus territórios, a partir de suas demandas sociais.

Para tanto, nos apoiaremos em questões de gênero (feminismo) para a construção conceitual desse instituto como realização poética - o Instituto Valentina - um espaço para habitar, pertencer e fazer parte, dentro de um cenário de desigualdades, inimizades e polarização que vivemos no modelo de mundo atual. O objetivo é partir dos processos de criação artística para propor um espaço que gere desautomatização de pensamento hegemônico e de comportamento humano nos processos de exclusão. E com isso, construir narrativas que serão experienciadas coletivamente a partir da formulação de outros regimes de sentido, de presença e de coletividade que possuem emergência social e política. Com isso, a proposta com o Instituto Valentina busca a ampliação de uma rede de mulheres com viés político de equidade de gênero e racial, com finalidade de criação e incentivo de projetos artísticos e comunicacionais.

Propor o Instituto é fabular a partir da arte um espaço do imaginário que desloca e escapa de um modelo hierárquico de raça e gênero, que valorize e engaje relações e dinâmicas de criação e comunicação para nos lembrar e nos reconhecer como pessoas pensantes e viventes no cenário de 2024. A partir da abordagem das extremidades (Mello, 2017) articula-se esse projeto como uma manifestação, que tem como missão compartilhar e partilhar oportunidades de inclusão, de



desenvolvimento de carreira, de capacitação de mão de obra e formação intelectual para mulheres.

Por fim, como uma artista em performance, peço licença para sonhar, fabular e construir com o Instituto uma alternativa poética de mundo, um espaço que possibilite uma retomada de vivências como seres itinerantes que deveríamos ser desde nossa origem, seja ela qual for (Mbembe, 2020). Intento isso a partir da performance e do relato de si como fazer metodológico, com o objetivo de articular a construção de uma obra relacional, que tenha potencial transformador e ações que incentivem mulheres artistas a serem protagonistas e residirem (tomar posse e propriedade de suas próprias vidas) suas próprias histórias.

Desta forma, é possível identificar que o objeto do Instituto é o compartilhamento de saberes e criação de redes, que tem como proposta oferecer um espaço cultural onde se valoriza a diversidade e incentiva a mulher artista a desenvolver processos de subjetivação, capacitação para mercado de trabalho e aquisição de conhecimento. Propõe, através de práticas artísticas, o desenvolvimento de processos criativos de forma coletiva para imaginar um outro espaço para habitar. Para tal construção será necessário problematizar gênero, racialização e políticas hierárquicas ao produzir arte, uma ação estético-política com o viés feminista.

Avanços Estético-Políticos na Construção de Uma Obra Relacional - o Instituto Valentina

O avanço do projeto do instituto será materializado no fazer, através das práticas em que a propositora em estado de performance articula o Instituto Valentina como uma manifestação artística nos aspectos comunicacionais, educacionais e políticos. Fundamentando-se na relação arte-vida, que se inscreve no campo das relações entre arte, comunicação e sociedade, com foco na chamada arte relacional que “baseia-se em uma construção poética centrada nas relações humanas e sociais e geralmente é pensada fora do ambiente das instituições artísticas” (Oliveira; Corrêa, 2016, p.254). Traz-se, para tanto, a referência do pensamento de Lygia Clark¹, que entendia a arte para além do campo estético, compartilhando o desígnio do artista para além de criar processos artísticos, se tornando propositora, um processo de



devir, um processo de torna-se algo, de transformação. Para tanto, questiona-se sobre o sentido e propósito da função das artistas e suas contribuições políticas no mundo.

Em suas obras, Clark traz o objeto sendo o próprio corpo e assim deixa claro a sua intenção da experimentação artística e validação da mesma como obra e não apenas como procedimento, que aqui pode-se entender como uma aproximação do conceito agora enunciado em um Instituto de como uma manifestação artística. A partir do processo de construção de um espaço que se transforma em obra, em trabalho artístico, onde a ação também se torna material estético. Clark afirmava que, como artistas, "nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você soprar dentro dele o sentido da nossa existência" (Clark, 1968, n.p.).

Se tratando assim, de uma proposição, a essência do trabalho não é mais a expressão subjetiva e única da artista, e, sim, uma composição de elementos constituintes e fundamentais na interação da obra e de suas relações com o ambiente, gestos e a participação do público. Como trazia Clark "para que o pensamento viva através da sua ação" (Clark, 1968, n.p.) é possível observar que nós, artistas, não somos mais produtores de obras, mas de experiências de atravessamentos de corpos.

É nessa relação que se concretiza o trabalho de uma obra relacional, quando a artista se torna propositora de uma ação que necessita da participação do enunciatário e não apenas do enunciador de um objeto de arte, mas onde o objeto é o sujeito da ação, no caso o Instituto Valentina. Nessa interação o enunciatário pode assumir o papel de actante e passar ele mesmo a produzir sentido. Segundo semioticista francês Eric Landowski, tal relação se enquadra no regime de ajustamento, um tipo de procedimento destinado a articular um com os outros processos dinâmicos. E como construção desse processo de forma coletiva, o sentido do propósito de uma ação através do regime de ajustamento se pressupõe em competências igualitárias durante o processo. Onde a presença é marcada pelo sentido de encontro, uma vez que o vínculo é estabelecido.



Temos, durante o processo artístico, a experiência como o próprio sujeito e o espaço expositivo como espaço de criação, que expande as fronteiras da materialização de uma obra de arte. Clark entende que uma obra relacional passa a existir quando se apresenta uma proposição artística a ser experimentada junto ao público na relação entre artista-obra-sujeito-espaço. Clark se transfigura, então, em uma artista propositora, investigando práticas relacionais e interativas, em suas palavras: “esta é a proposição que finalmente decidi. Apenas na medida em que ela toma um sentido para os outros é que ela faz sentido para mim. Tornei-me o outro – que passa a me trazer os significados da proposição” (Clark, 1968, p.25).

É a partir da articulação como propositora que se estabelece um diálogo poético com Clark, decide-se pensar em outras possibilidades de práticas artísticas e optou pela criação de espaços de compartilhamento de saberes artísticos e de contaminação de processos.

Para isso, a metodologia será relativa a uma pesquisa-ação através de processos e modos de circulação com práticas artísticas, referentes a problematizações vividas atualmente no contexto social atual, às questões de gênero. Apoiada por uma reflexão crítica e teórica sobre as dimensões de construção de outros modos operantes de um instituto cultural ser estético-político, onde aborda os procedimentos no sentido relacional e experimental.

Modos Operantes: Mulher, Propositora, Artista, Feminista e Pesquisadora

Para se constituir o enunciado desse texto, foi elaborado um arranjo de coexistência de camadas pessoais, sociais e subjetivas que desenvolvo a partir de um exercício de relato de si, pois “quando se fala em dar um relato de si mesmo também se está exibindo, na própria fala, o logos pelo qual se vive” (Butler, 2019, p.161). Trago aqui o exemplo de Judith Butler, por um relato de si, por acreditar que quando eu estiver falando de si, estarei falando do meu propósito como artista e pesquisadora e acionista responsável, estarei “harmonizando a fala com a ação” (Butler, 2019, p.161), reconhecendo que a fala pode ser considerada um tipo do primeiro fazer, uma forma de ação de prática moral.



Quando na prática artística me aproximo de processos criativos que propõe movimento, deslocamento e fluxos de ir e vir, coloco meu corpo nessa experiência de atravessamentos. Experieço, assim, a possibilidade de me reconhecer como mulher, artista, propositora, feminista e pesquisadora que articula propostas através de projetos de arte que tenham como propósito compartilhamento, criação de rede e posicionamento ético mediante a desigualdade de gênero e raça observada em nosso contexto social.

Esses exercícios fazem parte do que podemos chamar de 'estética de si'. Pois não temos de assumir uma posição como aquela do juiz pronunciando uma sentença. Podemos nos portar em relação a nós mesmo no papel de um técnico, um artesão, um artista, que, de tempos em tempos, para de trabalhar, examina o que faz, lembra-se das regras da arte e as compara com o que realizou até ali (Butler, 2019, p.162). A escrita, a fala, a exteriorização de si, é uma forma de autorreflexão que gera um exame de consciência. Um esforço de associações e revisões de si. E na convivência com o outro se delimita o que é seu, o que é do outro e o que está em relação entre os dois.

O Instituto Valentina se constrói por práticas com os relatos de si, uma retomada do autoconhecimento e reconhecimento, na busca de revelar o legado de Valentina Mello Freire Borenstein, pelo olhar de sua neta. Uma proposta exercitada na trajetória da artista em sua vivência no campo da arte e da comunicação, somada a sua filosofia de pertencimento que vai de encontro a filosofia judaica e guia a idealização do Instituto - um projeto sociocultural que pretende operacionalizar oportunidades para mulheres artistas.

Valentina nasceu em 1903, na cidade de Mogi das Cruzes - São Paulo, Brasil em uma família de classe social alta, hegemônica, patriarcal e de crenças católicas, dentro dessa estrutura, de um cenário político-econômico de uma sociedade onde os valores, práticas e papéis da mulher já eram pré-estabelecidos, não se vislumbrava uma mudança de atividade da mulher fora do âmbito doméstico. Valentina, sufocada por essa estrutura, tinha o desejo de romper com tais princípios, assim, com uns vinte e poucos anos ela articula escondida de sua família um grupo de mulheres, a princípio em sua própria casa, para se dedicarem a costura como



fonte de renda pessoal a partir de um trabalho coletivo. Essa prática estabelece uma ruptura de paradigma para mulheres de sua classe e abre possibilidade de atividades para outras mulheres conseguirem uma possível independência financeira, as escondidas de sua família. Essa história remete ao momento pós-primeira guerra mundial e arrisco identificar uma pulsão do inconsciente coletivo fabulando um outro mundo onde a mulher aspira um papel de relevância e voz na sociedade, indo de encontro com a primeira onda do movimento feminista hegemônico, como bem define a pesquisadora e jornalista Geovana Pagel, em suas palavras:

De maneira simples objetiva, podemos entender que o período histórico que ficou conhecido como primeira onda do feminismo hegemônico ocorreu entre o fim do século XIX e meados do século XX e surgiu inicialmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, sendo caracterizado pela reivindicação de direitos civis iguais aos dos homens, tais como o direito ao voto, participação na política e na vida pública, o movimento feminista da primeira onda ressignificou o direito da mulher de participar da vida pública e também garantiu legitimidade para administrar bens, concedendo uma nova linguagem e um novo lugar para a mulher na sociedade. (Pagel, 2020, p. 56)

Em concordância com essa linha de pensamento feminista, entendo que este artigo é apenas um fragmento de minha pesquisa de doutorado que se propõe a mapear através dos arquivos familiares de Valentina a memória de luta e filosofia judaica que me constituíram como artista e pesquisadora. Nota-se a necessidade de um aprofundamento das lutas feministas a ser desenvolvido pela pesquisa, que vai de encontro ao desejo de igualdade de oportunidade para as mulheres que apontamos aqui como o propósito do Instituto Valentina.

Ao introduzirmos ao debate aspectos do feminismo, o intuito é trazer para a reflexão uma abordagem política na prática artística a proposta de um trabalho de criação de rede, para materializar de forma prática – através de encontros poéticos e estéticos – modos de questionar no campo das artes a estrutura opressora, sexista e patriarcal que moldou o cenário político-econômico de desigualdades de gênero e de oportunidade para mulheres.

Considerações Finais



A proposta se fundamenta pelo agenciamento coletivo na busca da construção de um espaço físico, com ações de deslocamentos, através do projeto de uma obra relacional, o Instituto Valentina. Um espaço construído nas relações com o entorno, que pode ser itinerante, onde procedimentos artísticos serão realizados por trocas de saberes, compartilhamento e construção de aptidões individuais e subjetividades. Tendo a presença da propositora como articuladora envolvida nos processos para assim fortalecer conexões, vínculos e criação de redes, através de uma abordagem estética-política pela presença e ativação do corpo em experiência, através de práticas artísticas.

É através dessa proposição como artista no processo do fazer artístico, que se observa os processos criativos que contemplam compartilhamento, desconstrução e contaminação (Mello, 2017 de conhecimento e reconhecimento pessoal e artístico. Sob a forma coletiva e relacional, cada participante tem sua contribuição e autoria reconhecida, em uma dinâmica de trocas de saberes articulada pela artista-propositora.

O resultado desse processo visa articular toda a trajetória de acompanhamento de artistas, em toda sua extensão e complexidade, que apoie desde as propostas de projetos, levantamento e alocação de recursos financeiros, produção e formação, até possíveis exposições.

Por meio do Instituto Valentina, pretende-se, então fortalecer uma rede e construir um espaço de habitar, mesmo que temporário, para identificar lugar de fala, pertencimento e escuta na experiência gerada pelo processo em coletivo. Em seu desenvolvimento o trabalho almeja contribuir para a construção de subjetividades individuais e coletivas, dialogando com conflitos e contradições em um campo em que a mulher para existir, imaginar, inventar e transpassar dificuldades é tão complexo quanto residir em suas múltiplas formas de habitar o mundo.



Referências

BOIS, Yve-Alain. **Lygia Clark (1920-1988)**: 100 anos. São Paulo: Pinakothèque, 2021.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LYGIA Clark. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MBEMBE, Joseph-Achille. **Políticas da Inimizade**. São Paulo, N-1 Edições, 2020.

MELLO, Christine (org.). **Extremidades**: experimentos críticos – redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MELLO, Christine. **Imagens do fim do mundo em seus regimes ético-estéticos**: inimizade, discursos de ódio, micropolítica e o contra-ataque da diversidade nas redes sociais. São Paulo: Plataforma de Pesquisa Extremidades, 2023. Disponível em: <https://extremidades.art/x/christinemello/2023/08/02/imagens-do-fim-do-mundo-em-seus-regimes-etico-esteticos/>

OLIVEIRA, L. H. C. de; SIEGEL CORRÊA, A. A arte relacional e a participação do público: aproximações poéticas do período de 1960-70 com a 27ª Bienal de São Paulo. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 254–278, 2016. DOI: 10.5433/2176-6665.2016v21n2p254. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/27998>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em 25 mar 2024.

PAGEL, Geovana Cleni. **Redes feministas**: movimentos de mulheres no século XXI a partir de suas insurgências nas redes sociais. 2020. 165 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

ROLNIK, Suely. **Lygia Clark**: da obra ao acontecimento. Somos o molde, a você cabe o sopro. Catálogo da exposição. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2006.

Notas

¹ Lygia Pimentel Lins foi uma pintora e escultora brasileira, nasceu em Minas Gerais em 1920. Na arte trabalhou com instalações e body art e destacou-se por trabalhar com a relação no campo da arte terapia. Propõe a desmistificação da arte e do artista e a desalienação do espectador, que compartilha a criação da obra. A poética de Lygia Clark caminha no sentido da não representação e da superação do suporte. Integrando o corpo à arte, de forma individual ou coletiva, a artista amplia as possibilidades de percepção sensorial em seus trabalhos (Enciclopédia, 2022).